

O CONTO “CHAPEUZINHO AZUL”: UMA ANÁLISE SOBRE O IMAGINAR POR CRIANÇAS À LUZ DA GEOGRAFIA DA INFÂNCIA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.260132620027>

Guilherme de Souza Vieira Alves

RESUMO: a proposta desse capítulo reúne uma análise a partir do conto *Chapeuzinho azul* sobre algumas considerações que podem surgir no imaginário das crianças ao lerem a narrativa. Estes elementos decorrentes da análise constituem um entrelaçamento com a Psicologia Histórico-Cultural pela perspectiva de Vigotski, considerando a tematização da linguagem presente nesta referência. À luz desta concepção, alinhamos a análise ao campo de estudos denominado Geografia da Infância, que representa considerável envolvimento das crianças em seu meio espacial, territorial e de sentidos presentes nesta categoria de pesquisas. Fruto deste movimento, destacamos o quanto pudemos entender o papel do leitor adulto na mediação e participação na leitura e atribuição de sentidos ao leitor criança. É preciso permitir que as crianças acreditem e vivam novas histórias com finais diferentes a partir dos clássicos da literatura infantil.

PALAVRAS-CHAVE: CONTO. GEOGRAFIA. INFÂNCIAS. LEITURA. IMAGINÁRIO.

ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS...

O presente capítulo se debruça por analisar um recorte das proposições encontradas na obra *Chapeuzinhos coloridos* em que Torero e Pimenta (2017) apresentam novas trajetórias perante o clássico da literatura infantil em que a *Chapeuzinho vermelho* ao se deparar com o Lobo faminto e insano a devora juntamente com sua avó, e posteriormente um caçador liberta as duas matando esse lobo mau. Logo, a partir desta premissa literária poder-se-ão reconstituir em outros arranjos narrativos com ponto de criação, recontos, releitura de outros

cenários e personagens, assim como caminhos para que o leitor, e sobretudo os leitores infantis possam viver a magia de acreditar que há inúmeros “Chapeuzinhos” pelo mundo da literatura.

Assim, a proposta analítico-descritiva tem por tematização central promover ao leitor novas trajetórias infantis, sendo a leitura pelo adulto e pela criança, um universo valorizado por permitir a criação de histórias e finais diferentes, imaginados a partir daquilo que não se constitua como o único, o provável e acima de tantas condições, apenas como a história certa.

Por isso apresentado, nos propomos a considerar pela teoria histórico-cultural, no qual permite que possamos gerar considerações como também enfatizar uma estrutura capaz de caminhar pelos conceitos e compreensões da Geografia da Infância, campo de pesquisa da educação que carrega intenções do valorizar as crianças em suas espacialidades e territorialidades.

Não houveram preocupações em definir/estipular uma faixa etária em relação à criança que lê e interpreta o mundo ao redor de si, sobretudo porque ao nos referimos ao termo “criança leitora” pretendemos constituir um conjunto maior daqueles que porventura, por prazer, por criação, e por aprendizagem queira se deparar com a leitura e as competências que se alinham aos porquês deste ato representativo ao longo da escolarização.

Desejamos que você, caro leitor/a, possa encontrar leituras, reflexões e aprendizados por essas breves análises. Para todo singular efeito, esperamos que esse capítulo possa lhe ajudar, no sentido de que pudemos analisar trechos da narrativa citada anteriormente, o que nos permite revelar alguns pensamentos do formador leitor ao universo infantil, como também da própria criança leitora.

MATERIAIS E MÉTODOS

Massas e mais tortas

De acordo com as estruturas em relação aos materiais e métodos pré-elaborados para a discussão e análise nesse capítulo de livro, temos como ponto de partida a análise de uma das histórias de Torero e Pimenta (2017), mais precisamente a história da *Chapeuzinho Azul*, contida na obra literária infantil *Chapeuzinhos coloridos*, e os imagináveis contextos educativos que possam se encontrar frente às múltiplas infâncias. Diante disso, não temos a pretensão de trazer a íntegra do conto, mas sim trechos/momentos que nos possibilitaram refletir sobre alternativas dialógicas caso ora outros elementos estivessem presentes, ora pudéssemos e optássemos pela substituição destes mesmos elementos a fim de reelaborar o conto.

Neste cenário estruturamos tal método nos referenciando aos lugares presentes na narrativa, a constituição das cenas dentro do enredo e a intenção de que a Chapeuzinho azul agora pode ser livre para suas escolhas, e suas novas “roupagens” quanto a configuração de ser ingênua ou não, ter fome para comer ao Lobo, ir pelo caminho mais estreito, ou pelo mais longo, usar ou não do capuz feito carinhosamente pela sua avó, como também por ser famosa, gordinha, ganhar dinheiro, valorizar ao tempo e as amizades, conforme ilustrados nas outras histórias dos autores em referência.

A esse respeito, procuramos o alinhamento dialógico entre a história e a perspectiva que discute a Geografia das Infâncias, de Lopes (2013, 2022) por entendermos assim como o autor que as crianças são sujeitos ativos na sociedade, e para além disso não podem meramente serem vistas como objetos de pesquisas.

Diante de tal elucidação, dialogamos com pesquisas e autores que convergem ao traçar características de uma infância marcada pelo protagonismo, capazes de enxergar a criança com um ser em constante aprendizado e desenvolvimento cidadão em suas práticas escolares e sociais, como nas apropriações dos autores Sonia Kramer e Jader Janer Moreira Lopes.

Em Vigotski encontramos o processo da linguagem como meio de estabelecer as relações ativas ao outro. Rey (2003), ao propor uma sistematização em que o sujeito se depara com aspectos da subjetividade nas pesquisas pelo viés da Psicologia Histórico-Cultural, afirma que:

[...]. A mediatização a que Vigotsky se refere não é somente semiótica: é a mediação integral de um sujeito que pensa e que se coloca ativamente diante da experiência, a partir da organização do sistema complexo de sentidos que caracterizam sua organização psíquica individual (p. 190).

E é sobre este sistema de complexo sentidos que nos colocamos na prática de que os indivíduos a que estão em constante desenvolvimento de aprendizagens sociais se valem por suas próprias experiências.

Chapeuzinho Azul: o conto das Infâncias

Chapeuzinho Azul é uma narrativa entre outras inseridas na obra *Chapeuzinhos coloridos*, em que os autores se propõem a recontar por meio do conto clássico, novas versões que possibilitam ler, imaginar, recontar e acreditar que há trajetórias para além do convencional, e que outras escolhas podem ser relevantes a possibilitar autonomia, independência, senso de felicidade e pertencimento, que estejam em caminhos longínquos de situações levadas à heteronomia.

A esta referência, o título se dá pela construção de que a avó de Chapeuzinho faz uma capinha de veludo azul a ela. A garota gosta com bastante intensidade

dessa roupa que ao usar com tanta frequência a faz ser reconhecida como tal – *Chapeuzinho azul*.

Assim como no conto clássico, ela se dirige à casa de sua avó com uma cesta – e agora neste conto, com uma torta de amoras azuis. Pelo caminho, cantando e sorridente, Chapeuzinho entra na floresta e por um estreito e escuro caminho ela se encontra com o lobo, e este mal-intencionado a aborda querendo saber aonde estaria indo carregando aquela cesta.

Chapeuzinho dialoga com o Lobo, e este chega primeiro à casa da vovó porque seguiu um caminho mais curto. Lá chegando, e com disfarce na voz, pediu que a velhinha abrisse a porta. Assim, o fez com a espingarda em mãos. Ao atirar no Lobo, ela o matou com um tiro no peito.

Com a chegada de Chapeuzinho, e se dirigindo à cama onde está deitada a vovó, os questionamentos da clássica história se sucedem sobre: orelhas tão grandes, olhos tão grandes, mãos tão grandes, nariz tão grande e finalmente boca tão grande. Após assar o Lobo no forno, ambas o comeram e tiraram uma soneca. Pelo ronco, o Caçador investiga o entorno à floresta e identifica a origem do barulho. Ao checar que o Lobo fora morto e comido pelas duas, as prende e as leva à delegacia. Após estes fatos, a mãe de *Chapeuzinho Azul* tem de pagar fiança para a liberação delas da cadeia.

Já de volta para casa em liberdade, todos terminam felizes, com exceção do Lobo que acabou por ser morto, mas agora com sua espécie que se encontrara em extinção, preservada.

A lição do conto nos remete a concretizar que *Chapeuzinho Azul* entendeu a importância que “não se deve matar os animais, ainda mais se eles estiverem em extinção” (Torero e Pimenta, 2017, p. 10).

“TORTA DE AMORAS”: DESENVOLVIMENTO

A análise do material: da exploração do conto à perspectiva imaginável por crianças

Enquanto materialidade de análise nos propomos a investigar algumas possibilidades que nos levam enquanto leitor a refletir sobre a condição do vir a ser nas infâncias, sobretudo de uma condição em que as crianças em suas múltiplas infâncias vividas por condições socialmente marcadas pelos sonhos e pelas alegrias possam imaginar o mundo da *Chapeuzinho Azul* como uma forma de acreditar em suas histórias, como meio de potentes histórias pertencentes a novos e diferentes mundos.

Para tanto, retratamos nesse recorte temático alguns pensamentos que o leitor criança possa vir a imaginar em relação às características que a Chapeuzinho Azul viva em sua Geografia das Infâncias em meio às travessias narradas pela história. Como marcas de escrita, destacamos alguns termos que possam ser significativos à posterior análise. Ressaltamos que este recurso é/foi viável à medida que remete ao leitor compreender a ênfase dada ao segmento e contexto presente na narrativa, ainda por se referir aos espaços e tramas que se coexistam pelo concebível imaginário das crianças. De outra forma, tais marcas não se concretizam pelas escritas da/na obra original.

A partir deste cenário, elencamos trechos que nos levam a refletir sobre uma menina *Chapeuzinho Azul*, que é imperfeita, incompleta em suas dimensões humanas, e tradicionalmente iria se parecer à criança que necessita dos cuidados e educação vinda pelos adultos, o que Ariès (1986) considera relevante a uma educação moral.

E assim consideramos pelo conto *Chapeuzinhos coloridos*...

Era uma vez, numa **pequena vila** perto de uma **pequena floresta**, uma menina de olhos da cor do **céu**.

Todo mundo gostava dela, e sua avó mais ainda, tanto que decidiu fazer uma capinha com capuz para ela. Essa roupa era de veludo azul e a menina não a tirava nunca, nem quando brincava de teatrinho no **quintal**. Por causa disso, todo mundo na vila começou a chamá-la de Chapeuzinho Azul.

Análise e apontamentos - podemos acreditar que a leitura por uma criança deste trecho possibilita um cenário de imaginações e questionamentos: por que a vila é pequena? Por que a floresta não pode ser maior? Como é ter os olhos azuis da cor do céu? No dia que o céu tem cor diferente, os olhos da menina também irão mudar de cor? Pensar, imaginar e falar para com os próprios pares, e os adultos é uma ferramenta indispensável ao desenvolvimento linguístico das crianças.

[...] – Vá direto para a **casa** da sua avó e não saia do **caminho**, porque a floresta é **perigosa**".

Análise e apontamentos - infere-se por esta breve passagem que embora haja uma pequena vila em uma pequena floresta, em toda sua magnitude ela é perigosa. E tais perigos colocados ao mundo nas últimas décadas são capazes de ferir, machucar e colocar em risco a vida da garota Chapeuzinho e de todas as outras crianças. Poderiam pensar as crianças que a casa da avó costuma ser um lugar de acolhimento, aconchego, carinho e para se viver todas as travessuras porque a casa da avó é bem legal e nos permite um mundo incrível.

[...]

No **caminho**, ela cantava:

“Pela **estrada** afora,

Eu vou tão sozinha,

Tão desprotegida

Ai de mim, tadinha”.

Chapeuzinho entrou na **floresta**. A cada passo o **caminho** ficava mais estreito e a **mata** ficava mais escura. Até que, de repente, o Lobo saiu de trás de uma **moita** e disse:

Análise e apontamentos - de modo intencional, reflexivo e por uma pedagogia pensada nas diferentes existências, sejam socioculturais, financeiras e geográficas, tratamos de mencionar a Geografia da Infância como um campo de expansivos estudos na área educacional. A esse respeito, levantamos a seguinte análise: o que podem as crianças imaginar neste trecho da obra com o surgimento do Lobo? Poderia acontecer do Lobo já por estar tão faminto devorar a Chapeuzinho Azul ali nesse encontro na floresta? E ainda, se todas as matas podem possuir lobos que ficam escondidos por detrás das moitas? Ao nos retratarmos às concepções acerca da Geografia da Infância, pautamos os escritos definidos por Lopes (2022, p. 6), ao considerar que:

[...] a Geografia da Infância como um campo de estudos, pesquisas e produção de conhecimentos e saberes que busca compreender as crianças, suas infâncias através do espaço geográfico e das expressões espaciais que dele se desdobram (ou definidos também como categorias, conceitos), entre os quais podemos destacar, por exemplo, a paisagem, o território, o lugar, mas também, como temos explicitado, é o desejo de compreender as geografias das crianças, uma vez que essas possuem lógicas próprias e que denotam formas autorais de ser e de estar no mundo.

Corroboramos com o pensamento do autor ao entender que a Geografia da Infância, em sua pluralidade, não representa apenas aquela demarcada por dimensões físicas nas espacialidades geográficas, ocorre e julgamos oportunos os “espaços que são pujantes linguagens, que são dados, vedados, proibidos, liberados, coibidos!” (p. 7).

Lopes (2013) em estudos sociais sobre a Geografia da Infância, ainda nos remete a essa construção plural de infância, por considerar haver plurais esferas sobre o plano terrestre. Considera o autor:

[...] se a infância é uma construção social, uma concepção sistematizada em diferentes sociedades, ela apresenta uma dimensão que é plural, pois não me é possível falar em uma única infância, mas na pluralidade de sociedades que cobrem a superfície terrestre; existe uma pluralidade de infâncias que se configuram. Localizar, mapear, descrever e interpretar essas infâncias são também pontos pertinentes aos estudos da Geografia (p. 291).

[...]

– Não, senhor. Estou levando essas coisas para a minha **frágil** e **indefesa** avó, que vive lá no meio da **floresta**.

Então o Lobo pensou: “Chapeuzinho Azul é bem **bobinha**. Vou comer sua avó, depois ela, e ainda vou pegar essa torta de amoras de sobremesa”.

Mas ele não podia devorar a menina ali, porque algum caçador poderia escutar os seus **gritos**.

Foi quando teve uma ideia e disse:

– Está vendo aquela **trilha**? Por que você não vai por **ali** e pega um monte de miosótis azuis para a sua avó? Aposto que ela vai gostar.

– Que boa ideia! Vou fazer isso mesmo! Ah, se todas as pessoas fossem **gentis** como o senhor...

[...]

Análise e apontamentos - por estes trechos ficam evidentes as fragilidades que decorrem ao transcorrer da vida, além e/ou aquém do que as crianças já consigam imaginar. Dizer sobre as pessoas mais velhas, em se tratando de como elas (as avós) podem ser indefesas e precisar de ajuda em suas vidas. Poderia imaginar uma criança: por que a avó que já é tão velhinha, não venha morar na cidade, ao invés de viver na floresta perigosa, rodeada de lobos e outros animais perigosos? Chapeuzinho Azul, que anda tão desprotegida pela floresta, será que ela pode mesmo ser “bobinha” assim como pensaste o Lobo? Não poderia ela estar querendo contar mentirinhas para o Lobo apenas para que ele acreditasse e então ela escapasse desse perigo?

Não somente a este trecho, mas sinalizamos que ao transcorrer da leitura, as crianças estarão em contato social com as palavras e com os outros, personagens, ou participantes leitores que se colocam em condição de ouvintes. Vigotski (1984) considera a linguagem como um signo indispensável capaz de ocupar espaço para as mediações entre os pares. Esclarece o autor que:

Signos e palavras constituem para as crianças primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais (p. 31).

Pela Psicologia Histórico-Cultural, tendo como componente fundamental a teoria vigotskiana, entrelaçamos a concepção que emerge de Lopes (2022), que em suas pesquisas identifica a relação do espaço enquanto um caráter essencialmente relacionado às vivências humanas a partir da relação com o próprio desenvolvimento

humano, como fator que se estabelece pela linguagem mediada do adulto para com as crianças.

[...]

A menina **vinha** bem devagar pela **mata**, **colhendo** flores, **escutando** os pássaros, **brincando** com esquilos, **bebendo** água das fontes e **cantando** sua música:

“Pela estrada afora,

Eu vou tão sozinha,

Tão desprotegida

Ai de mim, tadinha”.

Finalmente, quando ela chegou à casa da avó, bateu na porta:

– Pou, pou, pou.

Análise e apontamentos – identificamos neste trecho e, portanto, inferimos que a criança ao lê-lo tem condições de imaginar a sequência em que o cenário descrito procede na relação espacial. As crianças são capazes de identificar a os fatos pelos verbos que indicam vir/andar, colher, escutar, brincar, beber e cantar. Para tanto, Lopes (2012) afirma que no contexto do desenvolvimento das crianças e bebês há uma pré-organização sociocultural que se faz importante de acordo com o entorno. Evidencia o autor que:

Bebês e crianças humanas nascem, assim, em paisagens pré-organizadas culturalmente (espaços geográficos e tempos históricos), em estreitos contatos sociais, capazes de se identificar com seus coespecíficos, desde o nascimento, capazes de aprendizagens culturais, de onde parte seu desenvolvimento (p. 155-156).

Enquanto sustentação dialógica, identificamos o quão seja necessária a valorização da criança, enquanto um sujeito partícipe em suas dimensões sociais no que tange aquilo que se dirija às naturezas das Infâncias plurais e de como as Geografias as afetam. Sonia Kramer (1996, p. 21), ao argumentar para esse efeito, nos direciona aos dizeres:

[...] A criança não é, pois, valorizada de maneira uniforme; as relações entre crianças e adultos são heterogêneas bem como é diverso o valor com que as crianças são encaradas numa ou noutra classe. Tratar da criança em abstrato, sem levar em conta as diferentes condições de vida, é dissimular a significação social da infância. O pensamento pedagógico, ao fazer essa dissimulação, deixa de lado a desigualdade social real existente entre as populações, inclusive as infantis.

Em consonância ao trecho citado, apropriamo-nos (e aproximamo-nos) da escrita à proporção de que o pensamento pedagógico carece de realizações em que as crianças possuam vozes e vezes. Uma das possibilidades é que a escola seja mais uma vez um marco de referência, de oportunidades, de aprendizagens, partilhas

e que seus direitos sejam cumpridos e ofertados de forma respeitosa, integral, e intencional por todos que direta e indiretamente o fazem em seus cotidianos escolares. Conforme descreve a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) os direitos de aprendizagem na Educação Infantil são voltados a: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Ao encontro do objetivo deste capítulo, acreditamos com veemência que todos os direitos mencionados são de valiosa importância, e ressaltamos que à luz da Geografia das Infâncias, e aqui a pluralidade também traz sentido e significado, o direito a expressar vem diretamente transmitir nossas aspirações sobre as possibilidades quanto às imaginações das/pelas/por crianças (pequenas). É descrito pelo direito de expressar: “como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens” (Brasil, 2018, p. 38).

Tais desdobramentos se encontram às perspectivas ditas por Kramer (1996) quando precisamos compreender que no contexto pedagógico diante das igualdades de direito, contrapondo as desigualdades de condições variavelmente ocorrerão marcas ora pelos sucessos e fracassos que permeiam na escola e não meramente da escola.

Para Lerner (2002) a escola, mais precisamente a sala de aula é o espaço onde a leitura – e neste apontamento inserimos a leitura pelos estudantes e a leitura pelo professor como ferramenta necessária e indissociável às práxis educativas. Afirma a autora:

Para que a instituição escolar cumpra com sua missão de comunicar a leitura como prática social, parece imprescindível uma vez mais atenuar a linha divisória que separa as funções dos participantes na situação didática. Realmente, para comunicar às crianças os comportamentos que são típicos do leitor, é necessário que o professor os encarne na sala de aula, que proporcione a oportunidade a seus estudantes de participar em atos de leitura que ele mesmo está realizando, que trave com eles uma relação de “leitor para leitor” (p. 95).

Por esta singularidade entendemos a importância de que o professor estabeleça a relação de oportunizar a leitura às crianças desde a Educação Infantil, no sentido de que como descrito pela BNCC que se estabeleça conexões por diversas linguagens por um sujeito (pensando na criança) em que o diálogo e expressividade sejam práticas recorrentes. Nesta conjectura, consideramos que a prática se deve coexistir, como traz Lopes (2022, p. 9), em “uma relação COM as crianças e não somente para as crianças”.

CONSIDERAÇÕES DO DESFECHO: ATÉ A PRÓXIMA ESTRADA...

Mediante análise realizada, em conformidade com a seleção dos autores que sustentaram a prática desta proposta, pretendemos traçar uma visão que não reduziu o imaginário da criança que lê e constrói seu mundo a um ser incapaz e que só pudesse ser visto como objeto sem vozes e vezes para e nas pesquisas.

Assim, planejamos à luz da Geografia das Infâncias, em suas múltiplas dimensões espaciais e singulares evidenciar as crianças como sujeitos ativos, incompletos e em frequente desenvolvimento pela linguagem social aos seus pares e adultos, contrários às condições que se atravessam por crianças “domesticadas” sem chances de participação em suas leituras cotidianas em seu próprio entorno.

Colocamo-nos em uma perspectiva de considerar possíveis retratos imagináveis que poder-se-ão circular aos pensamentos de crianças em um contexto que a leitura, o pensamento e a imaginação carecem de vitalidade e real necessidade de permear um mundo para as aprendizagens.

Por toda admiração, responsabilidade e afetos emocionais, a Chapeuzinho Azul, (e de todos/as os/as outros/as chapeuzinhos que puderem existir em suas realidades e imaginações) podem ser as crianças que vivem, contam histórias, imaginam novos finais, e sobretudo aquelas que sonham com a própria infância.

REFERÊNCIAS

- ARIËS, Philippe. **A História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- KRAMER, Sonia. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, Sonia.; LEITE, Maria Isabel. **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Rev. Educação Pública**, v. 22, n. 49, p. 183-194, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/915>>. Acesso em: 25 fev. 2026.
- LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da infância, justiça existencial e amorosidade espacial. **Rev. Educação Pública**, v. 31. P. 1-13, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/12405/11555>>. Acesso em: 01 mar. 2026.

LOPES, Jader Janer Moreira. Os bebês, as crianças pequenas e suas condições histórico-geográficas: algumas notas para debate teórico-metodológico. In: LOPES, Jader Janer Moreiras.; SCHAPPER, Ilka. **EDUCAÇÃO EM FOCO**: diálogos entre as teorias da atividade e sócio-histórico-cultural. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

REY, Fernando González. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

TORERO, José Roberto.; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Chapeuzinhos coloridos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.